

Hans
Vaihinger
A filosofia
do como se

Tradução e apresentação de
Johannes Kretschmer

A filosofia do como se

Trecho Cortesia



A tradução desta obra foi apoiada por uma verba
proveniente do INSTITUTO GOETHE, fundado pelo
Ministério Alemão de Relações Exteriores



Hans Vaihinger

A filosofia do como se
sistema das ficções teóricas, práticas
e religiosas da humanidade, na base
de um positivismo idealista

Com um anexo sobre Kant e Nietzsche

Tradução de Johannes Kretschmer

Revisão Técnica de João Cesar de Castro Rocha


ARGOS
Editora da UnoChapecó

Chapecó, 2011



Reitor: Odilon Luiz Poli
Vice-Reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão: Maria Luiza de Souza Lajús
Vice-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Claudio Alcides Jacoski
Vice-Reitor de Administração: Sady Mazzioni

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Ricardo Rezer

Título original: *Die philosophie des als ob: system der theoretischen, praktischen und religiösen fiktionen der menschheit aufgrund eines idealistischen positivismus*

Este livro ou parte dele não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

193 Vaihinger, Hans
V128f A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas
 e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista /
 Hans Vaihinger ; tradução de Johannes Kretschmer. – Chapecó:
 Argos, 2011.
 723 p. : 23 cm. – (Grandes Temas ; 15)

Inclui bibliografias.
ISBN: 978-85-7897-036-9

1. Filosofia alemã. I. Título.

CDD 21 – 193

Catálogo elaborado por Caroline Miotto CRB 14/1178
Biblioteca Central da Unochapecó



Todos os direitos reservados à
Argos Editora da Unochapecó

Av. Atilio Fontana, 591-E – Bairro Efapi – Chapecó (SC) – 89809-000 – Caixa Postal 1141
(49) 3321 8218 – argos@unochapeco.edu.br – www.unochapeco.edu.br/argos

Conselho Editorial:

Rosana Maria Badalotti (presidente), Carla Rosane Paz Arruda Teo (vice-presidente),
César da Silva Camargo, Érico Gonçalves de Assis, Maria Assunta Busato,
Maria Luiza de Souza Lajús, Murilo Cesar Costelli, Ricardo Rezer,
Tania Mara Zancanaro Pieczkowski

Coordenadora:
Maria Assunta Busato

Sumário

Apresentação	19
Prefácio à segunda edição	69
Prefácio à terceira edição	79
Prefácio à nona e à décima edições	83
Observações preliminares para a introdução	87
INTRODUÇÃO GERAL	101
Capítulo I	103
Capítulo II	116
Capítulo III	119
Capítulo IV	123
PARTE I	
Os princípios básicos	125
Observação geral e preliminar sobre as construções e formas fictícias das representações	127

A.	
Enumeração e ordem das ficções científicas	131
Capítulo I	
A classificação artificial	131
Capítulo II	
As ficções abstrativas (negligenciadoras)	134
Capítulo III	
As ficções esquemáticas, paradigmáticas, utópicas e típicas	144
Capítulo IV	
As ficções simbólicas (analógicas)	148
Capítulo V	
As ficções jurídicas	157
Capítulo VI	
As ficções personificativas	161
Capítulo VII	
As ficções somatórias (os conceitos gerais)	164
Capítulo VIII	
As ficções heurísticas	167
Capítulo IX	
As ficções práticas (éticas)	171
Capítulo X	
Os conceitos básicos fictícios da matemática	183
Capítulo XI	
O método da generalização abstrata	188
Capítulo XII	
O método da transferência não justificada	191
Capítulo XIII	
O conceito de infinito (com algumas indagações gerais sobre o positivismo crítico)	198
Capítulo XIV	
A matéria e o mundo sensível das representações	202

	Capítulo XV	
	O átomo como ficção	210
	Capítulo XVI	
	As ficções da mecânica e da física matemática	213
	Capítulo XVII	
	<i>A coisa em si</i>	215
	Capítulo XVIII	
	O absoluto	219
	B.	
	Teoria lógica das ficções científicas	221
	Capítulo XIX	
	Observações preliminares sobre o lugar das ficções e semificções no sistema lógico como um todo	221
	Capítulo XX	
	Delimitação da ficção científica doutras ficções, sobretudo das estéticas	225
	Capítulo XXI	
	A diferença entre a ficção e a hipótese	231
	Capítulo XXII	
	A forma linguística da ficção. Análise do <i>como se</i> (acompanhada de indagações gerais acerca da teoria da comparação)	239
	Capítulo XXIII	
	Coleção de outras expressões para “ficção”	246
	Capítulo XXIV	
	As principais características das ficções	249
	Capítulo XXV	
	Esboço de uma teoria geral dos constructos fictícios	253
	Capítulo XXVI	
	O método de corrigir diferenças intencionalmente estabelecidas ou o método dos erros antitéticos	265

Capítulo XXVII	
A lei do deslocamento de ideias	286

C.

Contribuições para a história e a teoria da ficção 301

Observações preliminares

Teoria e prática das ficções 301

Capítulo XXVIII

A ficção na prática científica dos gregos 302

Capítulo XXIX

Esboços de uma teoria da ficção entre os gregos 308

Capítulo XXX

A prática da ficção entre os romanos 313

Capítulo XXXI

Esboços iniciais para uma teoria da ficção entre os romanos 315

Capítulo XXXII

A terminologia medieval 316

Capítulo XXXIII

O emprego da ficção em tempos modernos 318

Capítulo XXXIV

A teoria da ficção na era moderna 328

D.

Consequências para a teoria do conhecimento 334

Capítulo XXXV

O problema básico da teoria do conhecimento 334

Capítulo XXXVI

A alteração da realidade pelas funções lógicas 336

Capítulo XXXVII

As categorias como ficções (com observações gerais
acerca da finalidade prática do pensamento) 342

Capítulo XXXVIII	
As categorias como ficções analógicas	354
Capítulo XXXIX	
A conformidade prática das ficções das categorias	358

PARTE II

Estudos complementares de questões específicas	363
§ 1	
A classificação artificial	365
§ 2	
Outras divisões artificiais	371
§ 3	
O método político-econômico de Adam Smith	374
§ 4	
O método de Bentham nas ciências políticas	379
§ 5	
Os métodos abstrativos e fictícios na física e na psicologia	380
§ 6	
A estátua imaginária de Condillac	383
§ 7	
O “animal hipotético” de Lotze	387
§ 8	
Outros casos de isolamento fictício	389
§ 9	
A ficção da força	392
§ 10	
A matéria e o materialismo como modos auxiliares de representação	396
§ 11	
Os conceitos abstratos como ficções	398

	§ 12	
Os conceitos gerais como ficções		406
	§ 13	
As ficções somatórias, nominais e substitutivas		414
	§ 14	
As forças e leis naturais como ficções		418
	§ 15	
As ficções esquemáticas		421
	§ 16	
As ficções ilustrativas		422
	§ 17	
A teoria do átomo como ficção		423
	§ 18	
As ficções na física matemática		430
	§ 19	
A ficção do espaço puro e absoluto		438
	§ 20	
A superfície, a linha, o ponto etc. como ficções		446
	§ 21	
A ficção do infinitamente pequeno		450
	§ 22	
Sobre a história da ficção infinitesimal		463
	§ 23	
O significado da proposição <i>como se</i>		479
	§ 24	
O juízo fictício		485
	§ 25	
A ficção em oposição à hipótese		492

	PARTE III	
	Comprovações históricas	499
	A.	
	O emprego da proposição <i>como se</i> de Kant	501
	I	
	Considerações elementares nas principais obras críticas	502
	II	
	Outros esboços preliminares nos escritos menores dos anos oitenta	528
	III	
	Discussões fundamentais nas principais obras sobre ética e filosofia da religião	534
	IV	
	Confirmações e aplicações nos demais escritos do período crítico (especialmente dos anos noventa)	555
	V	
	As obras póstumas de Kant	579
	B.	
	Forberg, o autor da controvérsia fichteana sobre o ateísmo e sua religião do <i>como se</i>	589
	C.	
	“O ponto de vista do ideal”, de Friedrich Albert Lange	603
	D.	
	Nietzsche e sua teoria da aparência conscientemente intencionada (<i>bewusst gewollte Schein</i>)	631

Anexos	671
Como nasceu <i>A filosofia do como se</i>	671
Uma carta de Albert Einstein a Hans Vaihinger (3 de maio de 1919)	709
Índice onomástico	711

Apresentação

Johannes Kretschmer

I

No conto *Tlön, Uqbar, Urbis Tertius*, Jorge Luis Borges revela a existência do país Tlön, um mundo que considera o real a soma de operações mentais e desconhece qualquer relação temporal (e causal). Dois momentos, como “uma fumaceira no horizonte e depois [o] campo incendiado”, não podem ser relacionados um com o outro senão como “associação de ideias”. Em consequência, os “metafísicos de Tlön não procuram a verdade nem sequer a verossimilhança: procuram o assombro”. E a falta de crença na “realidade dos substantivos” produz um número incontável deles, algo que ocorre igualmente com a filosofia: “O fato de que toda filosofia seja de antemão um jogo dialético, uma *Philosophie des Als Ob*, contribui para multiplicá-los.” Tlön é um artifício, melhor, um constructo que revela seu próprio estatuto: ser uma ficção. Em *Brave New World*, Aldous Huxley denuncia o potencial manipulador de ficções como “liberdade”. Mas sem a ficção “liberdade do ser humano” – assim Hans Vaihinger, o

autor de *A filosofia do como se* – o direito penal moderno perderia seu fundamento.¹

Borges e Huxley, mas também Husserl, Einstein, Thomas Mann, Freud e Adler, eram leitores de Vaihinger. Exegeta renomado da filosofia de Immanuel Kant, Vaihinger lança seu livro em 1911. *A filosofia do como se* é considerada o primeiro estudo sistemático da ficção na cultura alemã. Surpreendentemente ela se torna um *best-seller*; seu autor seria hoje chamado de mídia *star*. Cem anos após a publicação na Alemanha, entregamos agora ao leitor brasileiro a tradução desse tratado.

O estudo de Vaihinger estimula debates acalorados em toda a Alemanha sobre uma hipótese filosófica² – uma proeza rara. O impacto, para não dizer o choque, provocado por Vaihinger prometia enriquecer ou até mesmo mudar o modo como seus contemporâneos viam o mundo. O êxito da complexa teoria de Vaihinger pode ser mais bem-entendido se levamos em consideração as questões da época às quais a sua obra aparentemente oferecia respostas.

Um dos principais desafios da sociedade alemã em 1900 consistia em lidar com a perda de legitimidade de convicções e valores consagrados em um mundo marcado por profundas mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais e por uma notável reforma e expansão dos sistemas científicos. Citemos dois agudos observadores da

-
1. Um dos primeiros juristas a entender a fecundidade da concepção vaihingeriana da ficção para a teoria do direito foi Hans Kelsen (cf. *Zur Theorie der juristischen Fiktionen. Mit besonderer Berücksichtigung von Vaihingens Philosophie des Als-Ob. Annalen*, v. 1, p. 630-58, 1919). No Brasil, Miguel Reale.
 2. Um dos poucos pensadores depois de Vaihinger a ganhar tanta notoriedade na Alemanha foi Peter Sloterdijk com suas *Regras para o parque humano*, onde relaciona perspectivas da antropotecnologia à evolução futura da espécie humana.

época: o poeta austríaco Hugo von Hofmannsthal e o escritor prussiano Theodor Fontane. De acordo com Hofmannsthal, palavras abstratas, comumente usadas com naturalidade para interpretar o dia a dia, agora “se decompõem na boca como cogumelos podres”. A sugestiva metáfora se encontra em *Uma Carta* (1902). Abandonando concepções e especulações legadas pela tradição clássica, o missivista do texto, o fictício Lorde Chandos, prefere investir na observação de objetos cotidianos e concretos.³ Hofmannsthal associa a dissolução de cogumelos na língua à crise da linguagem, ou, para ser mais preciso, à experiência da incapacidade de se expressar e perceber o mundo interior. Seu texto é visto como *locus classicus* da modernidade⁴ por lançar dúvidas que continuariam sendo o “*signum* de nossa época”: “o mundo se dilui diante dos nossos olhos e as palavras perdem qualquer sentido”.⁵ Fontane igualmente oferece um diagnóstico dos sintomas da crise.⁶ Em seu romance *Effi Briest* (1895), dois altos funcionários do Estado prussiano conversam sobre o que seria felicidade. Ela se encontra nas conquistas sociais da carreira militar, na “aparência brilhante das coisas”, das medalhas e provas de simpatia do Estado?

3. Ver a respeito o “Dossiê Hofmannsthal”, que contém a tradução brasileira da *Carta* (a cargo de Carlinda Fragale Pate Nuñez), um texto introdutório de Johannes Kretschmer (*Abrindo a Carta*) e um ensaio de David Wellbery (A representação do sacrifício como fonte de fascinação. Notas sobre a Carta de Chandos e a primeira poética de Hofmannsthal. In: Nuñez, C. F. P.; Monteiro, M. C. (Orgs.). *Traduzibilidade: a tradução em perspectiva*. Rio de Janeiro: Caetés, 2009).

4. Cf., por exemplo: Jens, Walter. *Statt einer Literaturgeschichte*. Düsseldorf/Zürich: Artemis und Winkler, 1998. p. 61 ss.

5. Spiegel, Hubert. Posfácio. In: Spahr, Roland; Spiegel, Hubert; Vogel, Oliver (Orgs.). *Lieber Lord Chandos: Antworten auf einen Brief*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2002. p. 247.

6. Fontane, considerado o mais importante romancista do período chamado realista da literatura alemã, é praticamente desconhecido no Brasil.

Ou será que o modelo tradicional de vida de um oficial prussiano é incompatível com qualquer “sentido maior da existência”? O diálogo se encerra com a célebre frase: “É completamente impossível viver sem construções auxiliares.” [“Es geht überhaupt nicht ohne Hilfskonstruktionen.”]. Como veremos com mais vagar, trata-se de um conceito muito próximo ao desenvolvido por Hans Vaihinger. Em outro romance de Fontane, *Stechlin* (1898), o protagonista Dubslav pergunta: “quais são as palavras certas? Onde procurá-las?” Quando concepções tradicionais de *status* ou verdade perdem sua legitimidade, as palavras e as coisas se desencontram, ou melhor, as palavras se transformam em meros suportes de *Plauderei* (“jogar conversa fora”) – traço saliente deste romance, o último de Fontane. Talvez esse sentimento esclareça o vigor da prosa poética de Hofmannsthal.

O êxito de Vaihinger se deve à descoberta de uma possibilidade de pensar o próprio pensamento: o conceito da ficção. Vaihinger eleva a ficção à mola principal da autocompreensão do pensamento. A ficção é para Vaihinger uma construção, um instrumento do pensar que cria ideais, valores, objetivos, a moral ou imagens divinas – sempre respondendo à necessidade humana da sobrevivência. O valor dessas ficções, do pensamento em geral, é meramente prático. Vaihinger não procura “desmascarar” ficções como ilusões ou “mentiras”, mas se propõe a entender como elas operam e organizam o nosso acesso ao real. Com sua reflexão, Vaihinger contribui para a “positivação” das ficções, demonstrando que elas são modos necessários de operação do pensamento humano. Mais adiante voltaremos a tratar da concepção de ficção tal como proposta por Vaihinger. Apresentaremos agora alguns dados relacionados à biografia, à carreira acadêmica e à “institucionalização do *como se*”.

Continua...

Argos Editora da Unochapecó

Título	A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista
Autor	Hans Vaihinger
Tradutor	Johannes Kretschmer
Coleção	Grandes Temas
Coordenadora	Maria Assunta Busato
Assistente editorial	Alexsandro Stumpf
Assistente de vendas	Neli Ferrari
Secretaria	Leonardo Favero
Divulgação, distribuição e vendas	Neli Ferrari Eduardo Weschenfelder Luana Paula Biazus Renan Claus Alves de Souza
Projeto gráfico e capa	Alexsandro Stumpf
Diagramação	Alexsandro Stumpf Caroline Kirschner Sara Raquel Heffel
Preparação	Araceli Pimentel Godinho Rodrigo Junior Ludwig
Revisão	Carlos Pace Dori Araceli Pimentel Godinho Rodrigo Junior Ludwig
Formato	16 X 23 cm
Tipologia	Minion Pro entre 10 e 14 pontos
Papel	Capa: Dura Miolo: Pólen Soft 80 g/m ²
Número de páginas	723
Tiragem	1500
Publicação	2011
Impressão e acabamento	Gráfica e Editora Pallotti – Santa Maria (RS)

Sobre o tradutor

Johannes Kretschmer, doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor de tradução, literatura e língua alemã da Universidade Federal Fluminense e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Este livro está à venda:



www.unochapeco.edu.br/argos



LIVRARIA DA TRAVESSA

www.travessa.com.br

livraria cultura

www.livrariacultura.com.br

Hans Vaihinger (1852-1933) concebeu o primeiro estudo sistemático da ficção na cultura alemã, a *filosofia do como se*. Junto com a antropologia literária de Wolfgang Iser, *A filosofia do como se* é a contribuição alemã mais importante à teoria da ficção do século XX e defende uma concepção ficcionalista de teoria: ficções não representam obstáculos no caminho da razão, mas, ao contrário, são artifícios produtivos sem os quais as ciências, sobretudo as chamadas “exatas”, não cumpririam boa parte de suas finalidades. Assim, a ficção ganha a dignidade de outras operações mentais, como indução e dedução.

Exegeta renomado da filosofia de Immanuel Kant, Vaihinger publicou seu livro em 1911. Jorge Luis Borges, Albert Einstein, Thomas Mann, Sigmund Freud, Alfred Adler e muitos outros eram leitores da obra de Vaihinger. Cem anos após a publicação na Alemanha, a tradução deste tratado é agora entregue ao leitor brasileiro.

Johannes Kretschmer



ISBN 978-85-7897-036-9



UNOCHAPECÓ
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
www.unochapeco.edu.br/argos